

CPI tem no severo Magalhães o homem certo no lugar certo

■ Ele não agrada nem a eleitor e fará o relatório da corrupção

Arquivo

FRANKLIN MARTINS

BRASÍLIA — O relator da CPI do Orçamento, deputado Roberto Magalhães (PFL-PE), é o perfeito contraponto ao presidente da comissão, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA). Enquanto Passarinho não perde uma oportunidade para fazer piadas e arrancar risadas dos seus colegas, descontraído o ambiente, Magalhães está sempre com a cara fechada. Sério, incapaz de gargalhar, dá a impressão de que jamais relaxa. "Ele não é um homem doce e afetivo. Sua marca registrada é a severidade. É severo demais, até com ele mesmo", avalia um político pernambucano, que prefere não se identificar, com receio de magoar Magalhães.

Porque essa é outra característica do relator da CPI: ele se melindra por qualquer coisa. "Em Pernambuco, só não trombou com o Marco Maciel. Também, com o Maciel é difícil", disse o mesmo político, referindo-se à conhecida capacidade de conciliação do senador pefelista.

Num Congresso conhecido pelo corporativismo e pela excessiva indulgência com os pecados de seus integrantes, um homem severo como Magalhães no posto de relator da CPI vem a calhar. Ele não tem os cacotes e trejeitos dos políticos tradicionais e costuma falar o que lhe vem à cabeça. Sua sinceridade às vezes é espantosa, criando situações embaraçosas e hilariantes.

Franqueza — O deputado Nilson Gibson (PFL-PE) que o diga. Assim que Magalhães assumiu sua cadeira na Câmara, em 1991, Gibson aproveitou uma reunião da Comissão de Constituição e Justiça para fazer um discurso com rasgados elogios a seu conterrâneo. Disse que ele havia sido um dos melhores governadores de toda a história de Pernambuco e era um estadista que seu estado oferecia ao Brasil. Culminou seu pronunciamento destacando que a Magalhães era um dos maiores juristas do país.

"Como advogado, tenho orgulho de ter sido aluno de tão eminente professor", arrematou Gibson, um parlamentar conhecido pelo fisiologismo e pelo pouco brilho intelectual. Magalhães interrompeu secamente: "Quero deixar claro que nem tudo que o deputado Nilson Gibson aprendeu foi comigo". O plenário veio abaixo de tanto rir. Só Magalhães permaneceu sério. Ele não estava fazendo uma piada. Bem a seu estilo, estava apenas botando os pingos nos *is*.

Essa mesma franqueza Magalhães costuma usar com os eleitores. Certa vez, durante uma campanha, ele e sua comitiva chegaram na casa de um



Expressão sisuda é a marca característica de Magalhães na comissão

chefe político do interior, no início de uma tarde quentíssima. Embora já tivessem almoçado em outra localidade, a dona da casa fez questão que comessem qualquer coisa. "Não me faça uma desfeita, governador", disse ela. Constrangido, Magalhães cedeu. Logo se arrependeu. Começou a suar frio quando quando viu o que a mulher trazia nas mãos: um prato fundo, cheio até a borda, de sarapatel (miúdos de porco com sangue e gordura), fumegante. "Esse é especial para o senhor", disse ela, gentil. Magalhães não titubeou: "Eu não vou comer isso. A senhora que dê esse prato para a oposição". E saiu porta afora.

Trauma — O incrível é que esse jeito rombudo dá votos. Nas últimas eleições, por exemplo, teve cerca de 200 mil, dos quais 80 mil em Recife. Sobrinho do governador Agamenon Magalhães, uma legenda na política pernambucana, começou sua carreira política como secretário de Educação do governo de Nilo Coelho, quando realizou um trabalho muito elogiado na época.

Quatro anos mais tarde, a radicalização da disputa interna da Arena entre Marco Maciel e Moura Cavalcanti pela indicação para o cargo de governador fez com que o nome de Magalhães fosse lembrado como *ter-*

tius. Mas Moura Cavalcanti acabou ganhando a convenção. Em 1979 chegou a a vez de Maciel, que, então, convidou Magalhães para vice. Em 1982, ele seria o candidato do PDS a governador, enfrentando um candidato fortíssimo, Marcos Freire. Derrotou-o numa eleição apertada, tendo como companheiro de chapa o jovem prefeito de Recife da época, Gustavo Krause.

Sairia do Palácio do Campo das Princesas, quatro anos mais tarde, para uma derrota memorável. Não conquistou nenhuma das duas vagas em disputa no Senado, sendo batido por dois políticos do interior, Mansueto de Lavor e Antônio Farias, que faziam parte da chapa do ex-governador Miguel Arraes, candidato ao governo, no auge de seu prestígio depois de 20 anos de perseguições e exílio.

Magalhães nunca se recuperou desse golpe. "Até hoje ele está traumatizado com aquela eleição", diz um amigo. Há poucos meses, um motorista de táxi em Recife tentou convencê-lo a se candidatar ao Senado em 1994. "O senhor tem prestígio, vai ter muitos votos", disse. "Meu amigo, esse filme eu já vi e não gostei", cortou Magalhães.